



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CAMPUS ACADÊMICO DO AGRESTE-CAA  
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE  
CURSO DE PEDAGOGIA

PAULO EDUARDO DO NASCIMENTO SILVA

**AS DIFICULDADES DO ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS:** uma  
análise a partir dos olhares dos professores de uma escola municipal em  
Santa Cruz do Capibaribe - PE

CARUARU  
2021

PAULO EDUARDO DO NASCIMENTO SILVA

**AS DIFICULDADES DO ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS:** uma  
análise a partir dos olhares dos professores de uma escola municipal em  
Santa Cruz do Capibaribe - PE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia do Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, na modalidade de artigo científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

**Área de concentração:** Anos Iniciais / Ensino de História.

**Orientadora:** Prof. Dra. Ana Maria de Barros

CARUARU  
2021

**As dificuldades do ensino de história nos anos iniciais: uma análise a partir dos olhares dos professores de uma escola municipal em Santa Cruz do Capibaribe - PE**

**Paulo Eduardo do Nascimento Silva<sup>1</sup>**

**RESUMO**

O presente artigo apresenta uma discussão acerca das dificuldades existentes dentro do contexto do ensino de história nos anos iniciais. Ao longo do trabalho buscamos responder ao questionamento: Quais são as maiores dificuldades encontradas dentro do contexto do ensino de história nos anos iniciais? Como objetivo geral trazemos: Compreender as principais dificuldades dentro do contexto do ensino de história nos anos iniciais. Como objetivos específicos elencamos: Identificar no cotidiano da sala de aula situações que dificultam a aprendizagem dos conteúdos de história; Analisar como ocorre o diálogo entre os PCNs de História e a materialização dos planejamentos de aula e conhecer como ocorre a articulação entre os conteúdos programáticos de história e o desenvolvimento em sala de aula. Pesquisa de natureza qualitativa, trazendo uma discussão à luz dos parâmetros curriculares do Ensino de História e do levantamento de dados através de um questionário aplicado a professores de uma escola da Rede Municipal de Santa Cruz do Capibaribe - PE. Como resultados identificamos que muitas dificuldades podem aparecer para atrapalhar o processo formativo dos alunos, impactando as possibilidades de desenvolvimento, sendo, os escassos materiais pedagógicos, o tempo, a polidocência, poucas formações continuadas, entre outras situações, exemplos dessa condição, além dos Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs) através de Eixos Temáticos que propõem que os conteúdos possam ser trabalhados com mais consistência, mostrando conhecimento acerca do espaço/tempo do aluno.

**Palavras-chaves:** ensino de história; anos iniciais; dificuldades.

**DATA DE APROVAÇÃO:** 21 de Dezembro de 2021.

---

<sup>1</sup> Licenciando do Curso de Pedagogia - UFPE/CAA. E-mail: eduardohistory2017@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

A humanidade desenvolveu um modelo civilizatório que requisita uma participação efetiva de uma de suas instituições, que denominamos de escola. Nela, todos os desenvolvimentos e conquistas advindas das experiências científicas e sociais são problematizadas com o intuito de preparar os indivíduos para a vivência da vida em sociedade. Modelos de ensino são tecidos, currículos são construídos com perspectivas e objetivos a serem almejados, assim como uma ideia de progresso a ser interiorizada pela aquisição e transformação do conhecimento.

Nesse sentido, sabemos que o trabalho do professor é perpassado por singularidades, pois, diferente das outras profissões, os objetivos a serem conquistados são sempre colocados como a longo prazo, não podendo ser mensurado de forma imediata. A construção do conhecimento se faz na medida em que o diálogo com os conteúdos pedagógicos são vivenciados, experienciados e por fim assimilados, integrando-se aos outros conhecimentos que já foram conquistados e fazendo-se base para novas construções. Dessa forma, o planejamento das aulas e o cotidiano vivido dentro do ambiente da sala de aula se tornam altamente relevantes para o sucesso da aprendizagem.

Além disso, sabemos que dificuldades podem surgir durante essa jornada do conhecimento, devido a fatores internos e externos ao ambiente escolar, assim como limites colocados pelo tempo disponível para o trabalho em sala de aula. Quando vamos para o ensino de história, podemos encontrar dificuldades ainda maiores, devido ao fato de trabalharmos diferentes temporalidades com alunos que muitas vezes ainda não estão preparados para realizarem tais abstrações, principalmente se ainda estiverem nos anos iniciais.

Para a realização da pesquisa, ao realizar o levantamento de estudos e pesquisas nos bancos de dados de universidades como: UFPE, UFPB, UFAL, importantes instituições de ensino superior do Nordeste, verificamos que o ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental não possui grande quantidade de trabalhos científicos abordando essa área do conhecimento, (DOROTÉIO, 2016), percebemos que com a escassez de trabalhos dedicados a esse campo do ensino, o professor poderá encontrar dificuldades na busca de conhecimentos produzidos para serem interiorizados e vivenciados na sala de aula. Assim, o profissional de ensino

fica isolado, pesquisando, estudando e produzindo conhecimentos que não serão compartilhados, apenas vivenciados no cotidiano da sua própria sala de aula.

Outrossim, os profissionais de ensino desenvolvem suas atividades num processo de formação e reelaboração didática contínua, com a finalidade de garantir a aprendizagem dos alunos, pois,

Diferentemente dos professores especialistas que atuam no segundo segmento do ensino fundamental e no ensino médio, os docentes-pedagogos não têm um espaço tempo ao longo de seu percurso formativo para trabalhar com os saberes disciplinares de referência. (GABRIEL; LIMA, 2021, p. 17).

Reforçando a necessidade de busca constante de metodologias e estratégias para o desenvolvimento de boas aulas, trabalhando conteúdos complexos dentro de um currículo escolar que não fornece muito tempo para ser vivenciado e aprofundado.

A vivência da graduação nos mostrou a pertinência do aperfeiçoamento da maneira de conceber o conhecimento histórico e problematizá-lo em sala de aula com os alunos. Através de discussões frutíferas com rigor teórico e metodológico, o conhecimento histórico torna-se possível de ser vivido dentro dos espaços acadêmicos e escolares com grandes chances de sucesso. Em nossos dias, nesse contexto de globalização, as informações e conhecimentos são difusos, porém, muitas vezes superficiais, tornando-se relevante que as estruturas teóricas e conceituais sejam sólidas.

Estudos que colocam em perspectiva o aprofundamento nas noções de temporalidade, identidade e do fazer docente em sala de aula, acreditamos ser de valor imensurável, devido à possibilidade de transformação da sociedade e do conhecimento histórico. O ensino de história coloca os sujeitos em diálogo com o mundo e consigo mesmos, apontando a sua pertinência na medida em que a própria condição de humano perpassa pela historicidade dos contextos, somando ao fato de tudo que conhecemos a exemplo da memória, mentalidade, conhecimentos, costumes, valores, a própria cultura entre outras coisas, são historicamente e humanamente produzidos.

A sala de aula é um ambiente habitado pela heterogeneidade, com sujeitos e contextos complexos, com formações distintas e temporalidades que emergem em circunstâncias que podem impactar a forma de viver os conteúdos. Se os meios

tecnológicos causam uma aceleração na noção de espaço e tempo, podem influenciar na forma como os alunos estudam e constroem conhecimento.

Diante disso, dos desafios enfrentados pelos educadores na área encontramos a nossa questão problema: Quais são as maiores dificuldades encontradas dentro do contexto do ensino de história nos anos iniciais do Ensino Fundamental? Para desenvolver o estudo temos como objetivo geral: Compreender as principais dificuldades dentro do contexto do ensino de história nos anos iniciais. Como objetivos específicos elencamos: Identificar no cotidiano da sala de aula situações que dificultam a aprendizagem dos conteúdos de história; Analisar como ocorre o diálogo entre os PCNs de História e a materialização dos planejamentos de aula e como se dá a articulação entre os conteúdos programáticos de história e o desenvolvimento em sala de aula.

## **2 METODOLOGIA**

A pesquisa foi desenvolvida de forma qualitativa, procurando compreender como o conhecimento histórico é problematizado em sala de aula, identificando as maiores dificuldades para a construção do conhecimento. A aproximação nos permitiu enxergar as nuances do fazer pedagógico em sala de aula, sendo que a preocupação dos autores não se assenta na quantidade dos dados, mas sim na qualidade dos mesmos.

Para Deslandes (1994),

Os autores que seguem tal corrente não se preocupam em quantificar, mas sim, em compreender e explicar a dinâmica das relações sociais que, por sua vez, são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos. Trabalham com a vivência, com a compreensão das estruturas e instituições como resultado da ação humana objetivada. Ou seja, desse ponto de vista, a linguagem, as práticas e as coisas são inseparáveis. (DESLANDES, 1994, p. 24).

Nesse contexto, buscou-se produzir conhecimento a partir das informações fornecidas pelo campo durante a realização da coleta. Nessa fase da pesquisa, o processo precisa ser imparcial, onde a rigorosidade se impõe, requerendo dos sujeitos um exercício de abstração, cautela, respeito e responsabilidade, condições necessárias para a construção do conhecimento com validade científica.

Segundo Minayo (2010),

Toda investigação se inicia por uma questão, por um problema, por uma pergunta, por uma dúvida. A resposta a esse movimento do pensamento geralmente se vincula a conhecimentos anteriores ou demanda a descrição de novos referenciais. (MINAYO, 2010, p. 16).

Diante disso, após elaborar uma boa indagação, o pesquisador realiza os movimentos pertinentes para a resolução da problemática em forma de conhecimento científico. Sabemos que todo o conhecimento está vinculado a outros que anteriormente foram elencados por outros autores. (FREIRE, 1971). Utilizamos subsídios bibliográficos advindos de livros e artigos científicos encontrados de forma física ou virtual na internet.

Devido à pandemia do Covid-19, realizamos a coleta de dados com instrumentos virtuais, aplicando questionários online através da plataforma Google Formulários. Recorreremos a GIL (2002) para delimitarmos os questionamentos que foram feitos aos sujeitos da pesquisa. Esse instrumento foi praticado a 05 professores que lecionam no 1º aos 5º anos do ensino fundamental da Rede Municipal de Santa Cruz do Capibaribe/PE. Os dados foram analisados a partir de Orlandi (2013, p. 15) que afirma,

A análise de discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do Discurso. E a palavra discurso etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr, por, de movimento. O Discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.

O autor nos aponta que é possível identificar na fala dos sujeitos as informações que nortearam a produção do nosso conhecimento. Na voz dos seres humanos são guardadas as marcas de suas existências, com suas formas de sentir e compreender o mundo que fazem parte, como seus movimentos, transformações e relações. Sendo os indivíduos perpassados por historicidade que manifestam as marcas tecidas nas palavras que expressam.

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

#### **3.1 A complexidade do Ensino de História nos Anos Iniciais**

O desenvolvimento do ensino de história nos anos iniciais apresenta-se perpassado por singularidades conceituais e metodológicas advindas de um

contexto educacional heterogêneo, reunindo na mesma sala de aula, sujeitos com formações outras, que, mesmo possuindo a mesma faixa etária, possuem vivências e experiências que impactam o processo de ensino e aprendizagem. Em meio às adversidades que possam emergir, o ofício do ensino dessa ciência precisa prevalecer, ancorado numa perspectiva sólida de ampliação do conhecimento, direcionando suas ações no sentido da transformação da sociedade em que estamos imersos.

Segundo Rodrigues *et al* (1987),

Seria impossível fazermos história sem que tenhamos uma concepção do mundo criticamente coerente. Isto implica em ter consciência de que a nossa realidade cultural, isto é, o momento histórico em que estamos vivendo é produzido por homens organizados e pode ser comparado com outras realidades culturais. (RODRIGUES *et al*, 1987, p. 93).

Os alunos precisam interiorizar conceitos que permitam de forma gradativa compreender a realidade histórica que se encontra de forma latente em seu cotidiano. Essa tomada de consciência sobre a historicidade do ser e das coisas constitui-se, imprescindível para a formação cidadã e do pensamento reflexivo. Entretanto, desvincular os alunos de enredo de superficialidade que a nossa civilização tomou parte, constitui-se um ato heróico, tendo em vista que nossas ferramentas tecnológicas de comunicação estão criando novas possibilidades de interação e de territorialidade, requerendo mais do profissional de ensino, suscitando resiliência em meio a um cenário que requer formação contínua para a vivência do processo educativo dos seus educandos.

Os acontecimentos históricos não são naturais, sendo pertinente que os alunos desenvolvam a compreensão que o mundo em que estamos inseridos é humanamente e historicamente construído, onde, “[...] o importante no ensino de história é mostrar em cada momento os homens estão produzindo uma nova realidade cultural”. (RODRIGUES *et al*, 1987, p. 93) Compreender como, por que e as motivações dos seres humanos em cada época é um fenômeno a ser desvendado, especialmente por seres que ainda necessitam aperfeiçoar a sua capacidade de entendimento do mundo e de suas relações. Essa abordagem nos

remete à necessidade de refletir sobre o tempo cronológico em face ao tempo aión<sup>2</sup> que habita as crianças.

O contexto da sala de aula configura-se num espaço de conhecimento em movimento, onde, “Ensinar História é possibilidade de construir o saber histórico e isso deve-se, principalmente, à constante relação entre educador e educando, que transforma o aluno de simples para complexo em sua forma de pensar e agir”. (NASCIMENTO, 2018, p. 13) Estabelecer sistematizações de conhecimentos, buscando direcionar os alunos para um patamar de autonomia e emancipação do pensamento é uns dos principais objetivos dos professores dos anos iniciais.

Os conteúdos para serem bem trabalhados necessitam de tempo de qualidade para que sejam realizadas as inferências necessárias para que as etapas previstas se configurem e a aprendizagem aconteça. O problema está justamente na escassez de algo tão fundamental para a história, o próprio tempo, impactando negativamente o rendimento dos professores e dos alunos. Conforme nos aponta Abud (2012),

A restrição ao tempo para se ensinar a disciplina e a valorização da Língua Portuguesa e da Matemática constituem-se em fatores primordiais para a exclusão das outras matérias. Fato este que implica na dificuldade de aprendizagem das disciplinas privilegiadas, pois as excluídas significam portas abertas para desenvolver importantes capacidades intelectuais de relatar, raciocinar, compreender, narrar, etc, fundamentais para desenvolvimento da escrita e domínio da língua e do pensamento científico. (ABUD, 2012, p. 556).

Percebe-se uma ausência de integração entre os conteúdos de história e os outros conteúdos pertencentes às outras disciplinas, tratando de forma desigual disciplinas e conteúdos que possuem a mesma relevância pedagógica. Como vimos, esse tratamento tem contribuído para a não ampliação das habilidades dos alunos frente à necessidade de uma formação holística. Essa abordagem fragmentada apresenta-se como guardiã de uma concepção de ensino que não permite aos alunos tomarem parte de uma formação integral. Elaborar um currículo dentro de desníveis dificulta até mesmo as disciplinas que são priorizadas pela falta de articulação tão pertinente.

---

<sup>2</sup> Entendemos a partir de Walter Omar Kohan (2007), o tempo aión como experiência, como um momento em que a infância se materializa na vivência dos acontecimentos que são únicos e que não se repetem posteriormente nas outras fases da vida.

### **3.2 A materialização do Ensino de História nos Anos Iniciais sob o horizonte dos Parâmetros Curriculares Nacionais**

A profissão docente constitui-se diferente das demais, pois sua materialização implica transformações no pensamento e nas ações dos sujeitos que estão integrados no fenômeno. Os PCNs evidenciam uma perspectiva de formação que insere os alunos na compreensão da historicidade do mundo humano construído socialmente. Bittencourt (2018) nos evidencia que a disciplina de história num primeiro momento da nossa formação enquanto nação teve o seu domínio na tutela de uma visão conservadora, permeada de uma visão religiosa, tendo em vista, que em nosso país, no momento de conquista pelos europeus, a Igreja passou a controlar o sistema de ensino e suas possibilidades.

Nesse contexto, séculos de transformações na noção de ser humano e da natureza, possibilitou que novos anseios e perspectivas de ensino fossem pensadas, porém sem perder de vista o viés conservador. Nesse sentido, os PCNs problematizam que durante muito tempo, houve uma preocupação em construir os heróis da pátria com seus vultos, introduzidos numa narrativa construída para alicerçar um passado de acontecimentos notáveis, apontando a história como se ela contivesse uma ideia de progresso. Sendo assim, muitos currículos foram montados com a noção de uma história global e das civilizações que propõem discussões que alinham-se a esse entendimento.

O fluir do tempo, permitiu aos seres humanos aprofundarem a suas subjetividades, potencializando o poder criativo e de liberdade de pensamento. Muitas propostas curriculares vivenciadas ainda no século XX em nosso país foram impregnadas de um forte viés nacionalista, não voltadas para o questionamento da historicidade das estruturas que pautamos nossas existências, todavia, estão sendo superadas, em parte pelo processo de redemocratização do país, acontecimento que trouxe novas perspectivas para o Sistema Educativo do Brasil.

O amadurecimento da consciência cidadã possibilitada pela perspectiva da vivência da Constituição Federal de 1988, tornou possível que leis importantes como, por exemplo: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 que organiza o sistema de ensino brasileiro em todos os níveis, pudesse existir, apontando a educação como dever do Estado. Na mesma perspectiva, emerge dentro desse dispositivo legal a preocupação com a formação dos professores e a

responsabilidade acerca do quantitativo de vagas necessárias para atender os alunos da rede pública com financiamento detalhado. Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de História e Geografia emergiram apenas um ano depois da LDB de 1996. Evidenciando essas mudanças significativas que estão acontecendo em nosso país.

Dentro dos PCNs, a preocupação com a aprendizagem ganha um papel central, onde o,

O ensino e a aprendizagem da História estão voltados, inicialmente, para atividades em que os alunos possam compreender as semelhanças e as diferenças, as permanências e as transformações no modo de vida social, cultural e econômico de sua localidade, no presente e no passado, mediante a leitura de diferentes obras humanas. (BRASIL, 1997, p. 39).

Assim, o aluno precisa dentro dessa modalidade de ensino, compreender a articulação dos eixos temáticos, lhe oferecendo uma aprendizagem que não encara os acontecimentos de forma estanque, pelo contrário, o contexto passa a ser problematizado, onde o entendimento de interligação e motivações possa ser apreendido com mais facilidade. O ensino materializado no cotidiano da sala de aula necessita interiorizar nos alunos a noção de transitoriedade, dialogando com os tempos históricos, entendendo as marcas e motivações por trás dos acontecimentos.

Segundo Rodrigues *et al* (1987),

É fundamental, portanto, que os alunos compreendam por trás do fato relatado as relações sociais, econômicas, políticas e culturais que o produzem. Eles precisam captar suas consequências, em termos do desdobramento do conhecimento científico e técnico que o mundo conheceu a partir destas ações. E, com isso, os alunos ascendem ao conhecimento da história, não mais considera como uma sucessão de fatos explicitados numa sucessão de tempo, mas sim, com ações humanas organizadas, que possibilitaram a transformação da realidade social, econômica, política e técnica de um certo momento. Isto é fundamental: que eles compreendam que os homens estão a todo momento transformando a realidade. É a transformação do mundo é a transformação do homem. É a transformação da maneira como o homem se relaciona consigo mesmo, com o social, com o poder, com a natureza. (RODRIGUES, *et al*, 1987, p. 94).

O ensino de História nos anos iniciais precisa trazer aos alunos clareza e compreensão, superando a noção do senso comum de que história é apenas assunto do passado. Pelo contrário, precisam encarar a disciplina como atemporal, dialogando com o passado, presente e futuro, e, dele interpretando os anseios que levaram os sujeitos a agirem de determinado modo. No processo de ensino aprendizagem os alunos necessitam problematizar que é na sociedade que os seres

humanos existem, e dela, muitos valores e visões de mundo são herdadas, nos dizendo quem nós somos, não nos separamos dessa noção de vida coletiva e cultural.

### **3.3 A vivência do Ensino de História nos Anos Iniciais: articulação entre conteúdos, recursos didáticos e dificuldades**

A vivência do ensino em qualquer nível sempre será atravessada por dificuldades, devido à envergadura do objetivo, trazer a existência de conhecimentos a sujeitos que ainda não dominam determinado saber, para que possam alcançá-los e aprofundá-los. Como já contextualizamos, a instituição escolar é histórica, sendo seus anseios e direcionamentos frutos das condicionantes também históricas que estão à sua volta no espaço temporal. Aspirações e esperanças dos sujeitos fazem das instituições escolares um espaço de desenvolvimento da ideia de progresso, tendo em vista que sem a ascendência aos conhecimentos produzidos ao longo do tempo, a ruptura com a civilização fica iminente, devido ao risco do descontínuo.

Nesse sentido, Bittencourt (2011) nos diz que,

A instituição escolar nasceu para propor uma nova forma de comunicação, o conhecimento pela escrita, mas não pôde nem eliminar as relações sociais e suas formas de transmissão de saber tradicionalmente estabelecido nem afastar-se delas. Os métodos criados pela escola foram obrigados a submeter-se a mecanismos já existentes para imporem o saber que ela pretendia disseminar. (BITTENCOURT, 2011, p. 72).

Podemos perceber que o conhecimento científico e as relações sociais mostram a sua força dentro do contexto da escola, tendo em vista que a tradição se coloca como guardião de ações, comportamentos e imaginários que se manifestam nos sujeitos. O caminho para garantir o sucesso dos objetivos pretendidos se torna perpassado pelo método científico, pautados em etapas que almejam consolidar as aprendizagens. A vivência em fases permite aos alunos ascenderem ao conhecimento em graus compatíveis com seu estado físico e mental.

O trabalho em sala nos iniciais mostra-se complexo devido à necessidade de formar alunos que são muitos jovens. Apesar de estarem aptos a aprenderem com mais fluidez, alguns obstáculos podem se impor, impedindo que o avanço aconteça. Monteiro (2017) nos coloca a perspectiva que logo,

Nos primeiros anos, em salas de alfabetização, muitas crianças ainda não dominam bem a linguagem escrita, exigindo outro tipo de postura didática, principalmente, nas disciplinas História e Geografia. Portanto, as aulas são realizadas em maior tempo por meio da oralidade, sendo registradas pelo professor. Nos anos seguintes de escolarização, a maior dificuldade relaciona-se à lacuna de formação na área da leitura e escrita. As crianças que ainda não estão alfabetizadas são casos difíceis para o trabalho da leitura e produção dos textos [...] (MONTEIRO, 2017, p. 1392).

Diante disso, muitos obstáculos precisam ser superados para garantir que as crianças desenvolvam todo seu potencial, tornando o domínio da escrita e da leitura uma necessidade imperiosa para o desenvolvimento educativo, não só da língua portuguesa, mas, de todas as outras disciplinas. Soma-se a essas dificuldades, as poucas ferramentas educacionais para o desenvolvimento do trabalho, ficando apenas o livro didático como único suporte, as poucas formações continuadas voltadas para o ensino de história, a fragmentação exigida pelo contexto da polidocência e a escassez do tempo para a vivência da disciplina histórica.

A história enquanto disciplina nos permite entender porque o nosso cotidiano escolar se tornou assim, habitado por desníveis sobre a participação das diversas ciências. O potencial do ensino de história é gigantesco, tendo em vista que “[...] possibilita às crianças e adolescentes melhor compreenderem as diferentes maneiras pelas quais o homem se relaciona com a sociedade”. (RODRIGUES *et al*, 1987, p. 93) Somente pela compreensão da participação de todos na construção da sociedade os alunos podem entender o mecanismo pelos quais existimos, criando possibilidades de avanço e superação das contradições.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **4.1 Levantamento de dados**

O ofício do professor é perpassado por uma teia de significados, esperando-se muito destes profissionais que dedicam todas as suas capacidades reflexivas para que os conhecimentos produzidos por toda a humanidade possam ser gradativamente problematizados e reconstruídos em sala de aula. Sabemos que o caminho para a consolidação das diversas ciências são “agrestes e escarpados” parafraseando Khalil Gibran<sup>3</sup> (2001), pois, ensina-se às pessoas algo que

---

<sup>3</sup> O autor nos coloca que o crescimento humano é uma jornada árdua e altamente necessária para que o ser não se perca entre as ilusões da superficialidade.

biologicamente não se constitui um fenômeno natural. Criamos e aprimoramos a cultura para que sobre esta superfície nos enxerguemos humanos e possamos pautar nossas existências.

Dessa forma, a escola passa a ser protagonista na perspectiva de fornecer a todos os alunos a garantia de vivência de um currículo que sendo historicamente produzido, concentra saberes e experiências atravessadas por uma dimensão de poder que impacta a forma de compreender a realidade social. Assim, mesmo atravessado por situações e embates, a pertinência dos diversos espaços de formação e seus níveis se mostram de forma concreta. Com isso, os profissionais de ensino se formam num processo contínuo, dialogando com uma realidade que se mostra nova a cada instante, assim como os problemas e dificuldades de ensinar, no nosso caso de investigação, o ensino de história nos anos iniciais.

Com o intuito de encontrar respostas para os nossos objetivos específicos, entramos em contato com alguns professores de uma escola da Rede Municipal de Santa Cruz do Capibaribe-PE, explicando o nosso objeto de estudo e solicitando a resolução de um pequeno questionário, produzido e respondido pelo Google Formulários, atividade online devido à pandemia do Covid-19 que ainda estamos enfrentando. No total, recebemos cinco questionários respondidos, onde todos os profissionais de ensino pertencem à mesma rede de ensino e a mesma escola. A média de idade dos educadores que responderam as perguntas se situa na faixa de 45,6 anos e a média de tempo de ensino nos anos iniciais fica em 19,75 anos; A média de tempo de serviço na educação fica em 23,6 anos e a média de trabalhos dos profissionais na mesma instituição de ensino fica em 11,4 anos.

Percebemos que além de possuírem experiência de vida, também possuem a experiência da vivência prática, tecida no cotidiano da sala de aula. Possuir a possibilidade de passar vários anos lecionando em uma mesma instituição constitui-se numa oportunidade de conhecer com mais profundidade a comunidade escolar em que está tomando parte. Estabelecer laços de pertencimentos permite aos profissionais de ensino adquirir experiências que aperfeiçoam as formas de vivenciar o cotidiano da sala de aula, somando-se o fato de não terem interrompido a carreira docente.

Também constatamos que todos os professores estão habilitados para o exercício da docência nos anos iniciais, onde 20% possui formação em Magistério ou Normal Médio; 100% possui graduação em Pedagogia; 40% possui

especialização em psicopedagogia. Encontramos uma equipe de profissionais com ótima formação, comprometidos com a aprendizagem dos alunos com muita experiência na área de atuação. No entanto, não encontramos nenhum profissional com especialização no ensino de história para os anos iniciais.

## **4.2 O Ensino de História nos Anos Iniciais: espaço-tempo de aprendizagem e complexidade**

O crescimento humano é uma aventura a ser vivenciada por todos nós, onde independente do contexto social, o mundo humano se apresenta em cores e formas, construído e modificado pela ação dos sujeitos. O ser criança adentra o espaço escolar num cenário de aquisição de conhecimentos dentro de uma teoria e prática que estão integradas a experiência histórica. No contexto dos anos iniciais, estabelecer conexões inteligíveis entre os acontecimentos e a temporalidades passa a ter um papel central no cotidiano da sala de aula.

Os professores ao serem questionados sobre a importância do ensino de história, responderam,

*É importante para que a criança sinta-se no ambiente em que está inserida. (P1, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).*

*Muito importante, pois através da disciplina de história podemos viajar um pouco no tempo e conhecermos bastantes coisas. (P2, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).*

*Onde ela começa a conhecer sua identidade. (P3, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).*

*Conhecer um pouco de história. (P4, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).*

*Mostrar aos alunos suas origens, entre outras coisas. (P5, QUESTIONÁRIO, 25/11/2021).*

Percebemos que os professores em sua grande maioria apontam para a história como um conhecimento do passado, em que se mergulha no rio do tempo, e nele descobrem-se as coisas do passado, como algo distante. Nascimento (2018) nos aponta que durante muito tempo se professou uma crença no ensino de história como algo que faria apenas parte da composição de um currículo escolar. Nessa maneira, sem realizar aprofundamentos mais fortes sobre os impactos sociais e a subjetividade dos indivíduos. Sendo superada essa perspectiva em nossos dias quase na totalidade, principalmente pelas reformulações curriculares de acordo com a autora, onde a vida do aluno passa a ser contextualizada e valorizada.

Quando questionados sobre de que maneira o ensino de história nos anos iniciais pode contribuir com o desenvolvimento educativo dos alunos, responderam,

*A disciplina de história nos anos iniciais é muito importante, pois é a fase onde a criança está conhecendo um mundo diferente do seu. (P1, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).*

*Em sua formação enquanto cidadão. (P2, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).*

*O conhecimento intelectual da aprendizagem. (P3, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).*

*Abordar a história de Pernambuco, Brasil, para que eles conheçam um pouco de suas origens. (P4, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).*

*Para entender seu contexto histórico. (P5, QUESTIONÁRIO, 25/11/2021).*

A partir dos apontamentos dos profissionais de ensino, temos a impressão de uma prática pedagógica que direciona-se para a formação cidadã dos alunos, possuindo como subsídio o passado que pavimenta o sentido da realidade que se deseja contextualizar. A história enquanto ciência emerge num contexto de relações e registros, onde os documentos podem ser físicos ou imateriais, impregnados de subjetividade em movimento. As crianças dentro dos anos iniciais do ensino fundamental se encontram diante de um desafio, compreender uma realidade que se modifica em tempo acelerado. Devido ser tão pertinente tomar parte das discussões com qualidade, Nascimento e Afonso (2016) quando analisam o ensino de história nos anos iniciais dizem que a,

*A função pedagógica da disciplina de história, aplicada de maneira adequada, é formar e desenvolver características dos alunos, além de, incentivar o aluno a desenvolver reflexões, opiniões, senso crítico, senso coletivo e participativo, despertando interesses e curiosidades, querendo formar sua própria história, inicialmente em seu meio de convívio expandindo para espaços maiores. (NASCIMENTO; AFONSO, 2016, p. 26).*

Entendemos que o desenvolvimento do conhecimento histórico dos alunos nessa fase de ensino estão atravessadas por uma necessidade imperiosa, colocar em diálogo duas forças, o tempo histórico e o tempo biológico dos alunos. O professor procurará maneiras de possibilitar que o conhecimento dos alunos possa ser expandido com criticidade e curiosidade, permeado por autonomia. A realidade do aluno converte-se numa perspectiva de trabalho interessante, pois, o convívio dos alunos pode ser uma fonte histórica riquíssima para que sejam estabelecidos diálogos importantes acerca do mundo humano e suas relações. Assim, o ensino de história mostra sua relevância dentro de um contexto em que os alunos adquirem a noção de sua própria historicidade, com modelos, representações, valores e subjetividades historicamente constituídas.

Quando perguntamos sobre o tempo disponível para a vivência das aulas de história nos anos iniciais era suficiente e a quantidade de tempo disponível por semana para o trabalho com seus alunos, responderam,

*Sim.* (P1, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).

*Todos os dias se trabalha história, não existe tempo estimado.* (P2, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).

*Não, pouco tempo, pois são várias matérias para serem trabalhadas.* (P3, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).

*Sim, uma vez por semana.* (P4, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).

*Poderia ser amplificado para mais um dia.* (P5, QUESTIONÁRIO, 25/11/2021).

No contexto educacional brasileiro, encontramos uma perspectiva de trabalho nos anos iniciais que sofre com influência da supervalorização de outras disciplinas. Abud (2012) nos coloca a reflexão sobre a ausência de tempo para aprimorar o conhecimento histórico dos alunos, pois, no lugar de uma contextualização do conhecimento histórico integrado com as demais disciplinas, temos uma abordagem estanque e sucinta, resultando numa sensação não prazerosa da vivência da disciplina por parte dos alunos. Essa maneira de trabalhar conteúdos em compartimentos provoca uma sensação de falta de profundidade, ficando na superficialidade, não sendo prioridade.

O interesse sobre como o ensino de matemática e língua portuguesa são materializados são alvos notáveis do sistema educativo, sendo essas disciplinas dedicadas mais tempo curriculares em detrimento das outras disciplinas, inclusive da disciplina histórica dentro do contexto dos anos iniciais. (ABUD, 2012). Muitos conhecimentos ficam sem serem aprimorados devido a essa prioridade a essas disciplinas, fator que nos gera preocupação, pois um currículo com uma distribuição mais igualitária poderia ser uma alternativa para o aprofundamento de discussões altamente relevantes para a constituição dos sujeitos.

#### **4.3 O Ensino de História materializado na sala de aula nos Anos Iniciais**

Quando perguntamos aos professores sobre os critérios que o professor precisa ter no momento de escolher a metodologia, os materiais e os recursos tecnológicos para trabalhar os conteúdos de História com os alunos, eles responderam,

*No município usamos sempre o livro didático como base. (P1, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).*

*Hoje existem muitos recursos a favor do profissional da educação, facilitando assim a sua metodologia. (P2, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).*

*Critérios serão de acordo com o conteúdo. (P3, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).*

*Metodologicamente falando, nós trabalhamos de acordo com descritores disponibilizados no currículo de Pernambuco nesse ano pandêmico. (P4, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).*

*Os melhores critérios é iniciar com conhecimentos prévios. (P5, QUESTIONÁRIO, 25/11/2021).*

Os profissionais de ensino não detalharam com muita clareza como eram realizadas as escolhas das metodologias mais adequadas para o trabalho em sala de aula, no máximo, P5 nos apontou para a seleção de alternativas que dialogam com os conhecimentos prévios que os alunos já possuem. Percebemos que de modo mais imediato, a existência de um vácuo sobre a forma de detalhar como seriam os critérios que motivaram a escolha. Talvez o tensionamento em direção a supervalorização das outras disciplinas ofusque a fonte criativa destinada à elaboração das aulas de história.

Nesse contexto, Nascimento (2018) nos convida a pensar sobre essa realidade de trabalhar muitas disciplinas, onde nos aponta que,

*Trazendo esse ponto de vista para o professor que trabalha em sala com múltiplas disciplinas, surge a necessidade da organização de metodologias que possam resgatar o aluno para o meio escolar com diversos tipos de conhecimento. Os docentes devem usá-las como benefícios em diferentes tipos de conteúdo. (NASCIMENTO, 2018, p. 07).*

A atividade docente sempre será permeada pela necessidade de articulação de saberes organizados para que o conhecimento seja colocado em movimento. Estamos vivendo em tempos outros, a pandemia do covid-19 modificou profundamente nossa relação com os meios tecnológicos. Períodos de isolamento mesclados com notícias em tempo real, nos trazendo a dimensão do sofrimento humano em escala global, nos apontando a reflexão acerca da nossa falta de integração. Em meio a tantos acontecimentos imprevistos, as salas de aula voltaram de forma virtual, e como não existiam subsídios teóricos para dar conta daquilo que não existe, temos profissionais de uma resiliência incrível nesse período remoto.

Quando perguntamos aos professores se o conhecimento adquirido durante a sua formação acadêmica seria suficiente para a vivência de todos os conteúdos programáticos de História com os alunos, eles responderam,

*Sim. (P1, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).*

*Não, o professor nunca para, ele sempre busca mais conteúdo.* (P2, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).

*Não, pois teria que ter uma formação.* (P3, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).

*Sim.* (P4, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).

*Não foi o desejado, porém com a praticidade em sala de aula fazemos intertextualidades.* (P5, QUESTIONÁRIO, 25/11/2021).

Como podemos perceber, 40% dos professores acreditam que a formação inicial constitui-se suficientemente para o trabalho cotidiano docente, em contrapartida, 60% dos professores acreditam que a formação inicial não foi suficiente, os fazendo procurar alternativas para dar conta da complexidade do cotidiano. Entendemos que a profissão docente sempre será marcada por um movimento de redescoberta e superação, pois, o conhecimento sempre impõe dedicação e aperfeiçoamento, principalmente diante de nossa formação com a responsabilidade de ensinar várias disciplinas.

Com efeito, a formação inicial generalista que caracteriza os cursos de licenciatura em Pedagogia produz efeitos na atuação desse profissional, em particular, no que incide no processo de reelaboração ou de reconfiguração didática do conhecimento científico validado pelos regimes de verdade dos diferentes campos de conhecimento em objeto de ensino para as séries iniciais. Um dos maiores desafios, portanto, dos professores das séries iniciais diz respeito ao diálogo inevitável, embora não exclusivo, no processo de produção do conhecimento escolar, com os saberes de referência de uma área disciplinar específica. (GABRIEL; LIMA, 2021, p. 16).

Como podemos ver, as autoras nos convidam a refletir sobre como a nossa formação generalista pode dizer muito sobre nossa atuação nos anos iniciais, nos fazendo reelaborar constantemente nossa didática, ficando pertinente em cada professor um esforço para dar conta da complexidade do conhecimento histórico em diálogo com os alunos. O diálogo entre as ciências é inevitável, e na condução do cotidiano escolar os professores se colocam no processo de garantir a interlocução do saber de referência, no caso, do conhecimento histórico, acontecimento que coloca a necessidade de formação continuada, aprimorando o fazer pedagógico na sala de aula.

Quando perguntamos aos professores sobre as maiores dificuldades que o professor pode encontrar no momento de trabalhar o conhecimento histórico nos anos iniciais, eles responderam,

*Nenhuma.* (P1, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).

*Falta de materiais, um espaço adequado, apoio escolar, enfim.* (P2, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).

*Pouco tempo, só visto o básico.* (P3, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).

*Nenhuma.* (P4, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).

*Não vejo muita dificuldade, quando começamos com a realidade do aluno. (P5, QUESTIONÁRIO, 25/11/2021).*

O ensino de história nos anos iniciais implica uma densidade inerente, o de colocar alunos em tenra idade em diálogo com acontecimentos e conceitos, ainda em nível elementar, acreditamos não ser tarefa das mais fáceis. P1 e P4 nos convidam a pensar quando apontam que não possuem nenhuma dificuldade para a realização das suas aulas de história, e, P5 nos chama atenção quando aponta o seu caminho, direcionando para os conhecimentos prévios dos alunos como uma possibilidade a ser problematizada em sala de aula. P2 e P3 apontam para duas situações importantes: a falta de materiais e espaços adequados, além do pouco tempo para ser trabalhado os conteúdos importantes, ficando muitas vezes na superficialidade.

O problema das estruturas escolares públicas em nosso país ainda é persistente, fazendo com que os professores exerçam suas atividades em contextos altamente desgastantes que acabam por impactar o rendimento das aulas. Somam-se problemas de escassez de materiais pedagógicos, ficando apenas o livro didático e o caderno como os últimos recursos utilizados pelos alunos, e para os professores, acrescentam-se o quadro e o gis. Apesar de o livro ser um bom recurso didático a ser utilizado pelos professores, este não pode ser a única alternativa a ser vivenciada, pois o aluno pode acreditar equivocadamente que o conhecimento histórico é estanque e imutável, tudo guardado e preservado nas folhas do livro. (NASCIMENTO, 2018).

Também, o tempo disponível para a vivência das aulas é apontado como insuficiente devido à complexidade intrínseca da disciplina. (PORFÍRIO, 2019) Como podemos perceber, o fator tempo continua sendo determinante para que o conhecimento possa ser estruturado sem atropelos. Em meio à aceleração do fluxo das coisas do cotidiano, a vivências das aulas de história sofrem com os reducionismos que vão além do número de horas, soma-se a essa conjuntura não ser encarada como uma disciplina “prioritária”.

Na sequência, perguntamos se a polidocência do professor pedagogo pode ser um desafio a mais na hora da vivência dos conteúdos de história, caso respondessem sim, pedimos que explicassem como essa dificuldade se materializaria, eles responderam,

*Não, nenhuma dificuldade. (P1, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).*

*Não, o professor tem que ter um conhecimento quanto à vivência dos conteúdos, tudo se torna um desafio. (P2, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).*  
*Não. (P3, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).*  
*Não. (P4, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).*  
*Não encontro tanto desafio, uma vez que podemos trabalhar a intertextualidade. (P5, QUESTIONÁRIO, 25/11/2021).*

Os professores indicaram não compreender a polidocência como um desafio, no máximo, passando a noção de que precisamos realizar um esforço metodológico para conseguir desenvolver a contento suas aulas de história. Monteiro (2017) aponta que “A formação de professores não supre a necessidade que essas áreas exigem. O docente tem a noção de que está desenvolvendo com os alunos, mas não tem o conhecimento aprofundado do campo.” (MONTEIRO, 2017, p. 1394). Dessa forma, a falta de um conhecimento mais aprofundado, talvez não permita ao professor no exercício da polidocência compreender como a fragmentação pode dificultar o ofício em sala de aula, impactando o processo de aprendizagem dos alunos.

Nesse contexto, o professor sente que está realizando suas atividades, pois está comprometido com a sua função no mundo. Todavia, Monteiro (2017) nos deixa bastante claro que, a nossa formação pode haver lacunas, dificultando o ensino de conteúdos específicos. Não ter claro isso, pode trazer consequências sérias para os nossos alunos, regendo aulas sem densidade e com a falsa sensação de aprendizagem, confundida com a atividade de memorização. Estabelecer a interiorização de conceitos parece nos ser um caminho repleto de desafios, requisitando empenho e dedicação de ambas às partes do fenômeno.

#### **4.4 Os PCNs de História e sua articulação entre planejamento e a formação docente**

Ao serem questionados sobre a importância dos Parâmetros Nacionais Curriculares para o Ensino de História, e sobre com que frequência eles consultam os PCNs no momento de planejar as aulas, os professores responderam,

*Consultamos diariamente os PCNs, pois precisamos estar preparados para desenvolvermos uma boa aula. (P1, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).*  
*Acho importante a consulta, é um direcionamento às aulas, têm de serem planejadas sim, mas, depende da ocasião tudo muda. (P2, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).*  
*Muito importante, diariamente, pois temos que nos preparar. (P3, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).*

*Às vezes. (P4, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).  
É ele que nos norteia para as necessidades ano/série. Sempre. (P5,  
QUESTIONÁRIO, 25/11/2021).*

Podemos perceber que os professores estão bem integrados a necessidade de consultas aos PCNs de história para que as perspectivas pensadas e formuladas pelo Ministério da Educação em 1997 sejam materializadas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de História acompanham as transformações do conhecimento histórico, inovando na articulação em eixos temáticos para que o aluno consiga através de um percurso bem ordenado, alcançar uma aprendizagem sólida. Conhecimentos acerca da identidade, tempo histórico, fato histórico, sujeito histórico, subjetividade entre outras coisas, são problematizados para que o aluno desenvolva uma compreensão consistente.

Nesse sentido, os PCNs de história propõem o trabalho com várias fontes e documentos, tornando pertinente que o professor desenvolva capacidades de articulações, estabelecendo diálogo com o contexto histórico vivenciado na sala de aula com os registros históricos. Nesse sentido, aproximar o conteúdo trabalhado com os saberes que emergem da realidade plausível do aluno, pode possibilitar a construção de conhecimentos em bases concretas. Planejar aulas tendo o PCNs como referência demonstra um esforço do professor em garantir o aprimoramento do seu conhecimento histórico e do aluno, num mundo que se transforma na pulsação do sinal de internet, ressignificando a realidade que os sujeitos estão inseridos.

Quando questionamos sobre quais metodologias utilizam para trabalhar três conceitos complexos com seus alunos: o de fato histórico, de sujeito histórico e de tempo histórico, eles responderam,

*Procuro sempre aprimorar minhas aulas através de livros, mídias, etc... (P1, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).*

*Através de pintura, desenhos, visitas a museus históricos, artes visuais. (P2, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).*

*Livro didático e a internet. (P3, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).*

*Sondagem, conhecimento prévios, contação de histórias através de vídeos. (P4, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).*

*A prática para trabalhar tais conceitos é ter como ponto de partida a vivência deles. (P5, QUESTIONÁRIO, 25/11/2021).*

Trabalhar esses conceitos constitui uma tarefa a ser desenvolvida com muita responsabilidade e dedicação. Ensinar na faixa etária dos anos iniciais já traz uma densidade inerente, na mesma linha, problematizar esses três conceitos

fundamentais, requererá articulação metodológica, diálogo teórico e bons recursos didáticos. Abud (2012) nos diz que,

O conceito de tempo histórico é, com segurança, considerado por professores e historiadores como o mais importante na construção do conhecimento histórico. Por esse motivo seu estudo é introduzido logo no início do processo de escolarização e é um dos conteúdos que infalivelmente faz parte dos conteúdos dos materiais didáticos para o ensino.

Para a autora, a dificuldade de ensinar o conceito de tempo histórico é notória, requerendo que seja ensinado logo no início do processo de escolarização. Buscar alternativas metodológicas e bons materiais como os professores apontaram constitui-se um bom caminho para a interiorização de conhecimentos altamente relevantes, que exigem atenção e dedicação de ambos os sujeitos do processo. Sabemos que a prática docente pode em nossos dias contar com aparatos tecnológicos que ajudam no processo de ensino, onde a linguagem audiovisual pode enriquecer as discussões.

Percebemos novamente, o quanto os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de História e Geografia se tornam relevantes para trazer um horizonte para a prática docente, pois, trazem a perspectiva de eixos temáticos, do trabalho com vários documentos e forte incentivo ao desenvolvimento da subjetividade e autonomia. Bittencourt (2011) nos aponta que a instituição escolar nasce dentro de um contexto social e histórico, propondo a comunicação e o conhecimento pela escrita como possibilidades de problematização de conhecimentos tradicionalmente estabelecidos.

Nesse contexto, podemos entender que a prática docente se aprimora no exercício da docência, integrando teoria, prática e pesquisa. A seleção de materiais e metodologias se converte em possibilidades de aprendizagem e experiência docente. “Toda experiência é construída e a experiência docente não é diferente. Todavia ela tem suas singularidades” (RASSI; FONSECA, 2006, p. 116). Dessa forma, o ofício do professor guarda essa dimensão da experiência, onde a interiorização da vivência do cotidiano da sala de aula e fora dela, integra-se ao professor no seu processo de formação contínua de profissional e de ser humano.

Quando questionados sobre os últimos três conteúdos vivenciados com seus alunos e os recursos didáticos utilizados, responderam,

*Museu, folclore, danças de ruas, os recursos utilizados foram o livro didático, youtube como estamos em aulas remotas.* (P1, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).

*Infância, família, fases, vídeos, recursos tecnológicos.* (P2, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).

*Museu, folclore e danças.* (P3, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).

*Proclamação da República, Consciência Negra e Dia da Bandeira. Vídeos do youtube, fotos, slides, livros didáticos, entre outros.* (P4, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).

*A criança em contexto histórico; árvore genealógica; minha família. Recortes de jornais e revistas, charges e história em quadrinhos.* (P5, QUESTIONÁRIO, 25/11/2021).

Entendemos a partir da fala dos professores que espaços culturais, contextos da História do Brasil, além de fases da vida são aspectos importantes trabalhados com alunos dentro dos anos iniciais. As aulas recomeçam dentro do contexto de pandemia do covid-19, onde diante de um distanciamento social impositivo, ocorre uma aceleração no processo de trabalho com as tecnologias e mídias visuais permitidas pela informática. Em nossos dias, ferramentas de buscas nas redes virtuais como Google e Bing são fontes que auxiliam os profissionais de ensino no encontro e seleção de atividades e materiais de apoio, somando-se os recursos audiovisuais do Youtube.

Nesse contexto, os professores estão alinhados com os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de História, onde ele nos diz que o trabalho no ensino de história deve ser perpassado com o diálogo com diversas fontes, como podemos ver,

São cartas, livros, relatórios, diários, pinturas, esculturas, fotografias, filmes, músicas, mitos, lendas, falas, espaços, construções arquitetônicas ou paisagísticas, instrumentos e ferramentas de trabalho, utensílios, vestimentas, restos de alimentos, habitações, meios de locomoção, meios de comunicação. São, ainda, os sentidos culturais, estéticos, técnicos e históricos que os objetos expressam, organizados por meio de linguagens (escrita, oralidade, números, gráficos, cartografia, fotografia, arte). (BRASIL, 1997, p. 55).

Assim, podemos entender que as atualizações dos recursos tecnológicos estão contribuindo de maneira positiva para o andamento dos trabalhos dentro das salas de aula, sem perder do horizonte as recomendações dos PCNs para o ensino de história. Doravante, tem sido inexorável a nossa introdução numa matrix<sup>4</sup> virtual advindas do crescente processo de virtualização da vida e da sociedade. Com a

---

<sup>4</sup> Entendemos como um processo contínuo de entrada da humanidade num mundo virtual, onde os indivíduos entram numa realidade paralela, não reconhecendo mais de maneira clara o que é real. As referências essenciais à vida são perdidas, para que em seu lugar sejam introduzidos mecanismos das plataformas digitais que passam a influenciar de forma contínua a subjetividade dos indivíduos.

expansão dos trabalhos com diversas fontes e documentos como nos apontam os PCNs, o professor pode fazer inferências com sustentação, auxiliando os alunos a compreenderem como nosso mundo é moldado e caracterizado por motivações e aspirações históricas, portanto, transitórias e impermanentes.

Finalizando o questionário, perguntamos aos professores sobre se a escola ou rede de ensino que você faz parte oferece momentos de formações continuadas abordando o Ensino de História nos Anos Iniciais, em caso de afirmação positiva, solicitamos que descrevessem há quanto tempo foi o último encontro com esse objetivo, responderam,

*Não oferecem.* (P1, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).

*Sim, mais especificamente nessa disciplina.* (P2, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).

*Não.* (P3, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).

*Sim. De seis em seis meses.* (P4, QUESTIONÁRIO, 24/11/2021).

*Não.* (P5, QUESTIONÁRIO, 25/11/2021).

O professor dialoga no cotidiano com metodologias que permitem a articulação do conhecimento e a aprendizagem dos alunos. Caminhar na direção da aprendizagem não é tão simples, sendo pertinente que o professor esteja disposto a entrar numa jornada de formação contínua e permanente. Para Abud (2012) o ensino de história é caracterizado por um conhecimento multidisciplinar, possuindo saberes e conceitos específicos da disciplina. O professor ao não ter conseguido superar as lacunas do seu próprio processo de formação ao longo do processo de escolarização, corre o risco de reproduzir isso com seus alunos. (DOROTÉIO, 2016).

Para garantir que as aulas de história nos anos iniciais possam ser vivenciadas com consistência, requer dos professores apoio e motivação, e também acesso ao processo de formação continuada. O investimento em formação continuada passa ser fundamental, não podendo ser negligenciado dentro da sociedade do conhecimento. O aluno precisa entender que o conhecimento histórico é produzido pelos sujeitos em sociedade. Sem a existência de momentos dedicados à formação e ampliação de conhecimentos, haverá um esgotamento do professor, que inevitavelmente terá que buscar alternativas para suprir a demanda das aulas, e como são muitas aulas durante a semana, nem sempre será possível à vivência da forma que o professor almeja.

Para Alves e Santos (2013),

Infelizmente, ainda é predominante a concepção de que, para ensinar história basta se apropriar de todas as discussões historiográficas, negligenciando os estudos sobre a aprendizagem. Entende-se que o conhecimento histórico é imprescindível, mas sozinho, não propicia uma aprendizagem eficiente, é necessário, portanto, que o professor tenha domínio sobre os mecanismos que possibilitam a aprendizagem de seus alunos. (ALVES; SANTOS, 2013, p. 02).

Nesse sentido, aumenta a relevância dos momentos de formação continuada dos professores, especialmente da disciplina histórica nos anos iniciais. Nelas, pensam-se em metodologias e abordagens conceituais que somam-se à experiência docente, promovendo uma aprendizagem mais prazerosa dos conhecimentos em sala de aula. Somente pela formação continuada à prática docente pode ser aperfeiçoada, colocando em perspectiva dentro do trabalho docente a pertinência em nível de igualdade da história com as demais disciplinas que compõem o currículo escolar das séries iniciais.

## **5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS**

Retomando a questão que deu origem a essa pesquisa, confirmamos que existem muitas dificuldades dentro do contexto do ensino de história nos anos iniciais. A partir da interpretação de vários autores que tivemos oportunidade de dialogar neste trabalho, assim como os dados obtidos dos questionários, ficamos com a sensação de que o ensino de história na modalidade dos anos iniciais não recebe a importância que deveria, há uma secundarização desse ensino, como também de Ciências, Geografia e artes, que são fundamentais não apenas em relação aos conteúdos, mas a formação integral, são disciplinas tratadas como complementares, com carga horária semanal muito abaixo da Língua Portuguesa e da Matemática transformadas no eixo principal desse modelo de educação.

Longe de culpabilizar os professores, essa situação parece emergir da preocupação exagerada com a aprendizagem de outras disciplinas, levando a uma atividade docente que na busca de atender as demandas impostas pelos órgãos competentes e reforçadas com as constantes avaliações externas para atender parâmetro de avaliação comparativa entre municípios, como resultado, não conseguem vivenciar um currículo mais integrado, acontecimento complexo.

Podemos perceber que as formações continuadas ou cursos de especializações que os professores vivenciam, não direcionam-se para o

aprimoramento do ensino de história nessa modalidade tão importante. Se os sistemas de ensino exigem que determinados conhecimentos tenham mais espaço dentro do cotidiano escolar, os profissionais de ensino dedicam tempo, recursos materiais e financeiros para melhor desenvolverem suas aulas. Assim, mesmo estando comprometidos com a transformação do mundo, exercendo suas atividades com esmero, a tensão envolvida no processo de ensino aprendizagem, leva a vivência da disciplina sem a superação das dificuldades, pois, gradativamente os problemas se tornam quase estruturais.

Nesse contexto, percebemos que não acontece uma procura acentuada para que ocorra um aprimoramento do trabalho com a disciplina histórica na sala de aula. A formação do professor é um processo contínuo, então, torna-se imprescindível a vivência de momentos de formação que os auxiliem na reelaboração didática e metodológica, para que os conteúdos possam ser desenvolvidos a contento. Ensinar crianças nessa faixa etária implica aos professores compreenderem com clareza a complexidade do seu ofício, não podendo alicerçar sua prática docente na superficialidade, pelo contrário, requererá profundidade teórica e conceitual, obtida pelo contato contínuo com a teoria.

Outrossim, entendemos que os professores dedicam muito tempo planejando aulas, tendo em vista que ministram várias disciplinas na vivência da polidocência. Essa atividade exige dos professores um poder de síntese e de articulação enorme, pois, estão envolvidos no fenômeno, metodologias, o tempo, o espaço, os recursos didáticos, manuais operacionais (a exemplo dos PCNs e da BNCC) entre outros, voltados para a apreensão por parte dos alunos de conceitos e problematizações que em tese lhe subsidiarão uma compreensão do mundo de maneira crítica.

Percebemos que a formação continuada direcionada para o ensino de história pode contribuir imensamente com o avanço das aprendizagens dos alunos, tendo em vista as mudanças advindas das tecnologias de comunicação que estão trazendo a difusão de conhecimentos em rede. Os alunos obtêm uma perspectiva riquíssima de aprendizagem através dos eixos temáticos propostos nos PCNs, pois contemplam a ampliação de documentos possíveis de serem problematizados, além de teorizar sobre os conceitos históricos a exemplo do: tempo histórico, espaço, fato, identidade, cotidiano, memória entre outros.

Para Abud (2012) Há uma outra questão que é preciso ser enfrentada, que mesmo que os educadores tenham uma visão crítica, busquem trabalhar o ensino de

história nas séries iniciais a partir de discurso politizados como os dos PCNs, ou da luta antirracista, se deparam com escolas e gestores que acreditam que ensinar história na infância é trabalhar com datas comemorativas. Os educadores precisam ter jogo de cintura para atender as exigências de escolas e pais que entendem a história dentro de uma visão tradicional e ultrapassada para que possam dentro dos limites que lhes são impostos trabalharem na perspectiva sócio-construtivista.

O presente texto direciona-se para o final devido à necessidade de concluí-lo para apresentá-lo, a fim de encerrar o nosso percurso formativo. Devido ao pouco tempo disponível para a conclusão da pesquisa, não foi possível discutir a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ficando para uma pesquisa futura. Devido à pandemia, tivemos que realizar nossa atividade investigativa sem a presença física na sala de aula, ficando os instrumentos de coletas de dados virtuais como alternativa para subsidiar nossa pesquisa, registrando o olhar dos professores acerca da temática. Com o fim da pandemia do Covid-19, poderemos aprofundar o nosso objeto de estudo, buscando compreender as dificuldades do ensino de história nos anos iniciais na perspectiva da aprendizagem e olhares dos alunos. Também poderemos pesquisar sobre os impactos da BNCC na homogeneização do currículo de história vivido no ensino fundamental.

## REFERÊNCIAS

ABUD, Katia Maria. O ensino de História nos anos iniciais: como se pensa, como se faz. **Revista ANTÍTESES**, v. 5, n. 10, p. 555-565, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/viewFile/14505/12123>. Acesso em: 10 de mar. de 2021.

AFONSO, Schier Dirlei; NASCIMENTO, Liliane de Jesus. A influência do ensino de história na educação infantil e formação do aluno. **Revista Educação em foco**, Edição Nº 08 / Ano: 2016. Disponível em: [https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/003\\_influencia\\_historia\\_educ\\_infantil.pdf](https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/003_influencia_historia_educ_infantil.pdf). Acesso em: 23 de nov. de 2021.

ALVES, Hilana de Oliveira; SANTOS, Maele dos. **O lúdico e o ensino de história**. XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social. Natal – RN – 22 a 26 de Julho de 2013. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1365644931\\_ARQUIVO\\_TrabalhoXXVIISNH-MaeledosSantosPereiraBarbosa-HilanadeOliveiraAlves.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1365644931_ARQUIVO_TrabalhoXXVIISNH-MaeledosSantosPereiraBarbosa-HilanadeOliveiraAlves.pdf). Acesso em: 23 de nov. de 2021.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos** / Circe Maria Bittencourt – 4. ed. – São Paulo Cortez, 2011 – (Coleção docência em formação. Séries ensino fundamental/ coordenação Antônio Joaquim Severino, Selma Garrido Pimenta).

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/1996.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasileira, MEC/ SEF, 1997.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**/ Suely Ferreira Deslandes, Otávio Cruz Neto Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DOROTÉIO, Patrícia Karla Soares Santos. Ensinar história nos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista: História & Ensino**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 207-228, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/24569/20303>. Acesso em: 10 de mar. de 2021.

FONSECA, Selva Guimarães; RASSI, Marcos Antônio Caixeta. **Saberes docentes e práticas de ensino de história na escola fundamental e média**. SAECULUM – Revista de História [15]; João Pessoa, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/11360/6474>. Acesso em: 23 de nov. de 2021.

FREIRE, Paulo. **Considerações em torno do ato de estudar**. Publicado em Ação Cultural para a Liberdade, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 5 Ed., 1981. Escrito em 1968, no Chile, este texto serviu de introdução à relação bibliográfica que foi proposta aos participantes de um seminário nacional sobre educação e reforma agrária. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4648124/mod\\_resource/content/1/Paulo%20Freire%20-%20Ato%20de%20estudar%20%282%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4648124/mod_resource/content/1/Paulo%20Freire%20-%20Ato%20de%20estudar%20%282%29.pdf) Acesso em: 09 de set. de 2021.

GABRIEL, Carmen Teresa; LIMA, Tatiana Poliana Pinto de. **Currículo de história e agência docente: possibilidades de articulação nos anos iniciais do ensino fundamental**. Roteiro, Joaçaba, v. 46, jan./dez. 2021 | e23827 | E-ISSN 2177-6059. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/23857/15745> Acesso em: 07 de set. de 2021.

GIBRAN, Khalil. **O profeta**. Khalil Gibran. L & PM POCKET. 2001.

Gil, Antônio Carlos, 1946 - **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

KOHAN, Walter Omar. **Infância, estrangeiridade e ignorância: ensaios de filosofia e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MINAYO, Cecília de Souza. **Pesquisa Qualitativa**. 29° ED. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MONTEIRO, Maria Iolanda Monteiro. A formação docente e o ensino de história e geografia no contexto dos anos iniciais do ensino fundamental. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 17, n. 54, p. 1377-1397, jul./set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/21951/21076>. Acesso em: 20 de set. de 2021.

NASCIMENTO, Liliane de Paiva. **A influência do ensino de história nas séries iniciais do ensino fundamental: construção da identidade do aluno**. Artigo Científico, apresentado ao Curso de Pedagogia do Instituto de Ensino Superior Franciscano, para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia em 2018.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso**. Princípios e Procedimentos. Eni Pulcinelli Orlandi. Pontes – 2013.

RODRIGUES, Neidson. **Lições do Príncipe e outras Lições/ Neidson Rodrigues**- São Paulo: Cortez: Autores Associados 1987 (Coleção polêmicas do nosso tempo; 8).

PAULO EDUARDO DO NASCIMENTO SILVA

**AS DIFICULDADES DO ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS:** uma  
análise a partir dos olhares dos professores de uma escola municipal em  
Santa Cruz do Capibaribe - PE

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Coordenação do Curso  
de Pedagogia do Campus Agreste da  
Universidade Federal de Pernambuco –  
UFPE, na modalidade de artigo  
científico, como requisito parcial para a  
obtenção do grau de licenciado em  
Pedagogia.

Aprovado em: 21/12/2021

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Ana Maria de Barros (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/CAA

---

Profa. Dra. Ana Maria Tavares Duarte (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/CAA

---

Prof. Ms. Arnaldo José Dantas de Barros (Examinador Externo)  
Autarquia Educacional do Belo Jardim – AEB/FABEJA